

IMPLANTADO O CAOS NA ECONOMIA ANGOLANA

Quando o MPLA tomou o poder pela força, em 1975, implementou imediatamente uma política radical de nacionalizações através da qual as empresas privadas foram confiscadas e convertidas em empresas estatais.

Afirmações lidegnas de pos-sas que viveram sob o regime marxista-leninista do MPLA, provam



que para além de todas as empresas, todas as habitações e propriedades privadas foram também nacionalizadas por aquele governo. Os antigos proprietários são obrigados a pagar mensalmente uma renda. Como consequência, quando uma torneira se avaria, por exemplo, o inquilino tem de fazer um pedido para ser reparada, e em virtude de uma burocracia inadequada, os pedidos demoram meses a ser atendidos e, na maioria dos casos, nem sequer são satisfeitos.

O sector agrícola, outrora um dos mais florescentes em toda a África, também não escapou à política de nacionalizações. Várias associações comunais, organizadas segundo os moldes estalinistas, tomaram o lugar das fazendas privadas. Embora, em 1974, Angola fosse considerada como o "celeiro" de África, ao exportar toneladas e toneladas de alimentos e matérias primas todos os anos, o sector agrícola não poderia sobreviver a tal ruptura no sistema. As consequências do novo sistema foram a queda vertical da produção

agrícola ao nível mais baixo de todos os tempos, sem qualquer melhoria posterior.

O planeamento centralizado, baixos incentivos e má administração de empresas chave, por parte de burocratas impropriadamente do MPLA, conduziram rapidamente Angola a uma depressão. O sistema monetário foi tão mal conduzido que o kwanzá (moeda angolana) quase não tem actualmente valor nem qualquer espécie de aceitação a nível internacional.

As fontes de informação e a documentação em que se baseia este artigo demonstram as razões

POR
EUGÉNIO LUIS DA COSTA ALMEIDA

por que a administração do MPLA tem que ser desmantelada. O Povo Angolano não pode tolerar indefinidamente este estado de coisas.

DA PROSPERIDADE ÀS PERMUTAS

O Boletim Kwacha News de Janeiro-Fevereiro/87 - o jornal oficial dos

Serviços de Informação de Angola Livre - voltou a publicar excertos de uma série de artigos assinados pelo jornalista Miguel Meneses que foram publicados no "O SÉCULO", um matutino de Lisboa. Miguel Meneses, que visitou Angola naquele ano, fez algumas descobertas surpreendentes relativamente à economia, tais como o lamentável estado de coisas na outrora maravilhosa cidade-capital, Luanda, e a injusta divisão da sociedade angolana em classes sócio-económicas.

Relativamente à economia escreveu: "A economia angolana tem vindo a degradar-se de um sistema monetário para um sistema de permutas. A moeda perdeu todo o valor e o mercado negro rapidamente proliferou. Os produtos, destinados aos que deles precisam, subiram tão rapidamente no mercado negro que atingiram preços 100 vezes acima do seu valor real de mercado. Para os líderes do Partido "MPLA" o mercado negro é também altamente rentável, já que revendem os bens adquiridos no exterior a preços exorbitantes."





A 30 de Agosto de 1987, o "Washington Post" publicou uma série de artigos da autoria de Blaine Harden, intitulados: "ANGOLA MARXISTA: A CAMINHO DO VAZIO; A ECONOMIA ANGOLANA LUBRIFICADA COM LATAS DE CERVEJA; A GUERRA CONDÚZ ANGOLA A NOVA RUÍNA."

Segundo estes artigos, a moeda corrente em Angola é uma "lata de cerveja". O modo usual de conseguir sobreviver é através de "esquemas" - esquemas para conseguir latas de cerveja para trocar por água, combustível, roupa e comida."

No número de Janeiro/Fevereiro de 1988 da Kwacha News vinha publicado um artigo intitulado "As políticas económicas do MPLA devastam a economia angolana - o país converte-se ao sistema monetário "Modelo Cerveja". Esta coluna citava um artigo do jornalista James Brooke do "New York Times", 29 de Dezembro de 1987, que referia, entre outras coisas: "Uma vez que a moeda corrente é inútil, a maioria das pessoas em Angola aderiram ao modelo económico com base na "lata de cerveja". A maioria das companhias estrangeiras instaladas em Luanda, pagam aos seus empregados com bens de consumo corrente, em especial com cerveja

importada, que serve de moeda de troca e que vai, por sua vez, permitir aos angolanos adquirir fruta fresca, legumes e carne no mercado negro... Ao venderem duas grades de cerveja no mercado negro, os angolanos conseguem kwanzas suficientes para comprar uma viagem de ida e volta a Lisboa."

A 13 de Julho de 1989, o "Financial Time" de Londres abordou o tema da economia da "lata de cerveja". O repórter Nicholas Woodsworth, que visitou Luanda no ano passado, afirmou: "Os lucros provenientes da venda, ou melhor, da permuta, de duas grades de cerveja no mercado negro, são suficientes para comprar um bilhete de avião com destino ao Rio de Janeiro, enquanto que os lucros da permuta de um pacote de cigarros americanos podem pagar a renda mensal de um apartamento de três quartos."

Woodsworth salientou também que "Angola é um dos países da África Austral potencialmente mais ricos... É o maior produtor de petróleo do continente, depois da Nigéria, possui imensas reservas minerais, minas de diamantes e enorme potencial para a exploração agrícola."

A forma de actuar do governo de 14 anos do MPLA reduziu a economia desta nação a um sistema de mercado negro e trocas com "latas de cerveja".

DIVISÃO INJUSTA DA SOCIEDADE EM CLASSES SOCIO-ECONÓMICAS

Miguel Meneses, o jornalista de "O SECULO", já anteriormente referido, escreveu também acerca da divisão de classes sociais em Angola: "Nunca antes, na realidade, o povo angolano esteve tão dividido em classes socio-económicas como está hoje. Esta divisão de classes representa a maior contradição na aplicação da ideologia marxista-leninista, que apregoa uma sociedade sem classes. A "nomenklatura" do regime do MPLA inclui diversos níveis sócio-económicos com privilégios próprios para cada classe."

"Os que ocupam os escalões superiores da sociedade têm benefícios materiais sobre o resto da população, incluindo o recurso a supermercados bem abastecidos e vivendas luxuosas com piscina. Em

toda a Angola, os funcionários governamentais ficam em hotéis separados e têm acesso a serviços médicos especiais..."

"Os líderes do partido nunca estão sujeitos a longas listas de espera para viajar. Os outros angolanos têm que obter autorização oficial para o fazer, dentro ou fora do país, sendo também os líderes do partido autorizados a viajar ao estrangeiro para comprar artigos, tais como o último grilo em equipamento electrónico" — conforme referiu Miguel Meneses.

As injustiças sociais perpetradas pelo MPLA têm sido verificadas por correspondentes além-mar do Boletim Kwacha News. Estas fontes referem que é extraordinariamente confuso discernir com exactidão de que forma funciona o sistema de classes." Apesar da constante retórica do MPLA sobre os "trabalhadores e camponeses," verdade absoluta é que os membros do partido e a elite do exército engordam a olhos vistos, enquanto o povo é continuamente flagelado pela fome. Existe um sistema complexo de privilégios estruturados com base em cartões de racionamento que proporcionam o acesso a diferentes armazéns."

As fontes de Kwacha News referem também que funcionários de alto nível do MPLA, militares de alta



patente e chefes de departamentos governamentais, têm acesso a armazéns de géneros alimentícios e outras utilidades, que se encontram bem abastecidos de mercadorias estrangeiras. Os funcionários governamentais utilizam moeda angolana para comprar bens a preços subsidiados, e nunca nestes armazéns e estabelecimentos exist-





tem racionamentos ou filas para comprar.

O posto e a instrução determinam decisivamente o acesso aos bens de consumo. Poderia supor-se que, por exemplo, os maiores do exército teriam acesso aos mesmos armazéns. Contudo, não é este o caso. Um major do exército que tenha concluído o curso na Escola Militar, pode comprar uma vasta variedade de artigos; não é o caso de um major, que não tenha recebido esta educação formal, mas que tenha sido promovido com base em feitos heróicos e antiguidade.

Os civis são tratados da mesma forma. Apesar do aspecto geral, em cidades e vilas, de pessoas em filas intermináveis, à espera de adquirirem bens essenciais, as pessoas com educação superior e colocadas em postos governamentais, como por exemplo, os detentores de graus e certificados de escolas profissionais e outras instituições, têm acesso a armazéns especiais onde podem comprar artigos importados, sem terem de se preocupar em "ir para a bicha".

Por exemplo, o supermercado "Jumbo", em Luanda, está abastecido com artigos importados mas

apenas disponíveis para os que têm divisas estrangeiras. A aquisição de divisas estrangeiras é relativamente fácil para o escalão superior da sociedade acima referido, mas ilegal e quase impossível para o resto da população: os supermercados para as pessoas que não detêm qualquer posto, ocupação superior ou são ilétradas, encontram-se geralmente vazios.

As consequências de tal sistema injusto de discriminação social, provoca a falta de géneros de primeira necessidade para a grande maioria da população.

Para poderem ter acesso a qualquer loja, as pessoas têm de ter um cartão de racionamento. Aos desempregados, que são uma grande percentagem, não são passados cartões. Claro que, isto cria uma situação em que a maioria dos angolanos depende, ou do auxílio internacional, ou do ficar à mercê de preços exorbitantes do mercado negro. Outros actuam na economia paralela para poderem comer. Os mais desafortunados, principalmente mulheres e crianças, morrem de fome num país em que a elite consome manjares.

Como referiu Blaine Harden no "Washington Post", a 30 de Agosto de 1987: "A dupla nacionalidade é considerada um crime. Porém, sabe-se que vários milhares de pessoas pertencentes à elite luanense infringem a lei. São possuidores de bilhetes de identidade que asseguram aos seus filhos um refúgio no estrangeiro, caso o MPLA venha a sofrer um colapso." O mais trágico de tudo isto é que não precisam de reformas económicas. A elite vive bem sem isso. "Têm petróleo," afirmou em Luanda um diplomata já cansado de tudo isto.

Como referiu Blaine Harden no "Washington Post", a 30 de Agosto de 1987: "A dupla nacionalidade é considerada um crime. Porém, sabe-se que vários milhares de pessoas pertencentes à elite luanense infringem a lei. São possuidores de bilhetes de identidade que asseguram aos seus filhos um refúgio no estrangeiro, caso o MPLA venha a sofrer um colapso." O mais trágico de tudo isto é que não precisam de reformas económicas. A elite vive bem sem isso. "Têm petróleo," afirmou em Luanda um diplomata já cansado de tudo isto.

CORRUPÇÃO GOVERNAMENTAL

Relativamente à corrupção governamental interna, Miguel Meneses escreveu no "O SECULO", em 1987: "Dizem fontes fidedignas que não existe outro país africano tão corrupto como Angola... esta corrupção institucionalizada reflecte uma decidida falta de confiança no futuro e quase completo caos

sob administração do MPLA. Os líderes do partido estão a economizar secretamente para o futuro porque não sabemos que os espera", refere Meneses.

A 11 de Novembro de 1989, o canal oficial da televisão soviética emilindo de Moscovo, divulgou uma reportagem de 30 minutos intitulada: "ANGOLA: UMA PRIMAVERA DE INQUIETAÇÃO E ESPERANÇA". Durante a introdução ao programa, o comentador soviético Valeriy Grigoryev salientou: "Há muita gente que pensa que todos os problemas e vicissitudes que o Povo Angolano tem sofrido após ter alcançado a independência estão relacionados com a guerra. Não há dúvida de que a guerra se transformou num pesado fardo que o povo trabalhador tem que suportar..." a economia deteriorou-se com o significativo declínio das receitas provenientes dos dois principais bens de exportação: petróleo e café. Tudo isto é indubitavelmente verdade mas há outras razões que justificam a crise eco-



nómica e financeira que assola o país. Muita gente satisfeita e, na verdade, seria vantajoso para eles, deitar as culpas deste colapso completo à guerra e à queda dos preços daqueles produtos no mercado internacional.

"Recordo o discurso do Dia Primeiro de Maio, proferido por José Eduardo dos Santos, presidente do MPLA", prosseguiu Grigoryev, «onde pela primeira vez, o líder angolano constatou os factos, cândida, imparcial e criticamente. Cito: "Os círculos burgueses, reaccionários e corruptos, com a ajuda da intriga, calúnia e insubordinação secreta, tentam conquistar o apoio de governantes altamente colocados... Estão a tentar minar a unidade e coesão do partido e liderança do Estado. Estes reaccionários estão a tentar encontrar figuras políticas que aceitem assumir-se como líderes revolucionários das suas linhas mestras." "De facto", continuava Grigoryev, "o nível médio do aparelho de Estado está abertamente a obstruir as decisões do partido, do Estado e do Conselho Nacional de Defesa e Segurança. A corrupção atingiu um nível sem precedentes. A inflação é galopante. A especulação e o chamado mercado negro, transformaram-se em sérios problemas a nível nacional».

"Esta crise pode também ser atribuída a má administração... O Estado burocrático atingiu proporções inimagináveis, enquanto que a administração da economia e das empresas estatais é terrivelmente fraca. A rentabilidade da produção é muito baixa. Como é que se pode falar em execução de planos, quando mais de um terço das empresas do país estão inactivas e o resto está a trabalhar apenas com a sua capacidade mínima?", interrogava Grigoryev.

Nicholas Woodsworth do "Financial Times", retornou a este ponto num artigo de sua autoria, a 13 de Junho de 1989: "Afectados desde a independência, em 1975, por carências crónicas de bens de consumo e uma moeda a perder valor todos os dias, a maior parte dos luandenses, desde funcionários superiores do partido, a trabalhadores das fábricas, tem pouca esco-

lha senão recorrer a um mercado negro florescente que já suplantou a economia oficial como principal fonte de fornecimento de bens de consumo. "O açambarcamento de artigos estrangeiros que podem ser vendidos a preços que reflectem com exactidão a necessidade interna de produtos essenciais, é a preocupação diária deste mercado. Os roubos praticados no porto de Luanda são um método inaceitável para o governo. Porém, as suas próprias incapacidades forçaram-no a fazer vista grossa aos "esquemas" dos cerca de 1.300.000 habitantes da cidade de Luanda.

"Estas vão desde a venda no mercado negro por funcionários do Estado, de artigos subsidiados, à montagem de tendas em lugares da cidade onde é tecnicamente ilegal existirem mercados".

"A carga amontoada ao longo do Porto de Luanda, alimenta o mercado negro. Embora o entreposto mais movimentado do país esteja bem guardado, seguramente 40% dos bens de consumo que chegam todos os anos, acabam por sair ilegalmente por suborno, roubo no trabalho e roubo à mão armada", afirmava o artigo do "Financial Times".

"Porém, a presente situação económica caótica em Angola não pode ser atribuída única e exclusivamente à guerra e à falta de capacidade de administração. Grande parte da culpa cabe ao governo do MPLA, de orientação marxista. O papel opressivo desempenhado pelo Estado, conduziu a um planeamento económico dirigista, um vasto sector paraestatal, gerador de prejuízos, e uma política de preços que subsidia o consumo, mas não consegue proporcionar incentivos à produção", concluiu o "Financial Times".

Um artigo intitulado "DIAMANTES DA BARRAGEM", numa edição de Outubro de 1989 da revista AFRICA NEW ANALYSIS, uma publicação londrina de cariz financeiro e político, refere que "se diz terem sido descobertas significativas jazidas de diamantes no leito do rio Kwanza, em Kapanda, onde está a ser construído um posto hidro-eléctrico... De acordo com uma

fonte fidedigna, a maioria dos diamantes descobertos em Kapanda destinavam-se e foram vendidos no mercado internacional com a conivência de funcionários angolanos de alto nível. Não está claro se alguns destes diamantes — que se diz terem um valor de cerca de \$500 milhões de dólares — foram exportados através da empresa diamantífera estatal, a empresa nacional de diamantes (ENDIAMA)". Os nossos leitores poderão tirar as suas próprias conclusões.

Em Dezembro de 1989, um diplomata ocidental colocado em Luanda afirmava: "Tentar compreender a economia angolana é ficção, porque esta, muito simplesmente, não existe." Um residente de Luanda gabava-se: "Para Angola não existe tal coisa como o socialismo marxista. O que nós temos é o socialismo esquemático."

OBSERVAÇÕES FINAIS

Enquanto o MPLA persistir em alimentar uma guerra que não pode ganhar, favorecendo a existência do mercado negro e fazendo vista grossa à corrupção e má administração, não poderão existir progressos económicos em Angola. Uma vez que está relutante em desviar qualquer montante do seu imenso orçamento militar para auxiliar os pobres que estão a morrer de fome, o MPLA voltou-se para o Ocidente em busca de auxílio financeiro. Esta estratégia é astuciosa uma vez que o MPLA sabe que o Ocidente não permitirá que morram pessoas à fome num país que poderá vir a ser um parceiro importante no futuro.

Por quanto tempo ainda o povo angolano continuará a ser governado por líderes corruptos, impiedosos e sedentos de poder? Quando é que Angola se livrará dos charlatões marxistas e poderá desenvolver todo o seu potencial, transformando-se de novo numa nação próspera e florescente? Todas as forças democráticas deviam unir-se para apressar o desmantelamento do governo antidemocrático do MPLA.